



TRADUÇÃO DE ANSELMO, *PROSLÓGIO* 2-4, BILINGUE, COM INTRODUÇÃO E NOTAS

Cynthia Almeida Lima (DFL/UFS)
Alexandre Cabeceiras (DFL/UFS)

Introdução

Anselmo de Canterbury, também conhecido como Anselmo de Aosta, nasceu em 1033 ou 1034, na cidade italiana de Aosta ou em suas cercanias e faleceu em 1109, em Canterbury, Inglaterra. É frequentemente considerado o pai da escolástica. Ficou muito conhecido como o primeiro formulador de um argumento ontológico para provar a existência de Deus, ou seja, um argumento que infere a existência de Deus a partir do conceito *a priori* que se tenha de Deus, sem nenhum recurso a dados obtidos *a posteriori*, na experiência. Tal argumento está formulado no *Proslógio*, capítulos 2 e 3.

Algumas questões importantes surgem comumente da leitura e análise destes capítulos. O argumento é válido? Ocorre petição de princípio? Ocorre contradição? As premissas são verdadeiras? Quais são precisamente os conceitos envolvidos? São inteligíveis? São claros? Adicionalmente, em 1960, em seu artigo *Anselm's ontological arguments*, Norman Malcolm sustentou, pela primeira vez, que, no *Proslógio*, Anselmo formulou não um, mas dois argumentos ontológicos: um no capítulo 2, outro no capítulo 3. E mais: disse que o primeiro é falacioso, mas que o segundo é uma prova da existência de Deus. Sua contribuição, potencialmente, mais que duplica as questões.

O estudante que se interessa em entender e avaliar esta prova, ou provas, por meio da leitura de traduções em português, já dispõe de algumas opções, que consistem na tradução completa do *Proslogion*. Contudo, consideramos útil adicionar mais uma opção, mas restrita aos capítulos 2, 3 e 4. A razão da restrição está em que pretende

atender ao público que está restritivamente interessado na argumentação dos capítulos 2 e 3. O capítulo 4 foi incluído porque pode ser particularmente útil para avaliar se há inconsistência no todo dos capítulos anteriores. A razão de oferecer mais uma opção de tradução é que todas as demais traduções dos referidos capítulos do *Proslogion*, em português, nos levaram a significados ou consequências diferentes daqueles a que chegamos na leitura em latim.

O texto original latino, antes da tradução propriamente dita, é o da edição crítica de Franciscus Salesius Schimitt, *St. Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi Opera Omnia*, O.S.B., 3 vol., Edimburgo, Thomas Nelson & Sons, 1947.

Anselmus Cantuariensis, *Proslogion* 2-4:

2 Quod vere sit Deus

Ergo Domine, qui das fidei intellectum, da mihi, ut, quantum scis expedire, intelligam, quia es sicut credimus, et hoc es quod credimus. Et quidem credimus te esse aliquid quo nihil maius cogitari possit. An ergo non est aliqua talis natura, quia "dixit insipiens in corde suo: non est Deus" [Ps 13,1; 52,1]? Sed certe ipse idem insipiens, cum audit hoc ipsum quod dico: 'aliquid quo maius nihil cogitari potest', intelligit quod audit; et quod intelligit, in intellectu eius est, etiam si non intelligat illud esse. Aliud enim est rem esse in intellectu, alium intelligere rem esse. Nam cum pictor praecogitat quae facturus est, habet quidem in intellectu, sed nondum intelligit esse quod nondum fecit. Cum vero iam pinxit, et habet in intellectu et intelligit esse quod iam fecit. Convincitur ergo etiam insipiens esse vel in intellectu aliquid quo nihil maius cogitari potest, quia hoc, cum audit, intelligit, et quidquid intelligitur, in intellectu est.

Et certe id quo maius cogitari nequit, non potest esse in solo intellectu. Si enim vel in solo intellectu est, potest cogitari esse et in re; quod maius est. Si ergo id quo maius cogitari non potest, est in solo intellectu: id ipsum quo maius cogitari non potest, est quo maius cogitari potest. Sed certe hoc esse non potest. Existit ergo procul dubio aliquid quo maius cogitari non valet, et in intellectu et in re.

3 Quod non possit cogitari non esse

Quod utique sic vere est, ut nec cogitari possit non esse. Nam potest cogitari esse

aliquid, quod non possit cogitari non esse; quod maius est quam quod non esse cogitari potest. Quare si id quo maius nequit cogitari, potest cogitari non esse: id ipsum quo maius cogitari nequit, non est id quo maius cogitari nequit; quod convenire non potest. Sic ergo vere est aliquid quo maius cogitari non potest, ut nec cogitari possit non esse.

Et hoc es tu, Domine Deus noster. Sic ergo vere es, Domine, Deus meus, ut nec cogitari possis non esse. Et merito. Si enim aliqua mens posset cogitare aliquid melius te, ascenderet creatura super creatorem et iudicaret de creatore; quod valde est absurdum. Et quidem quidquid est aliud praeter te solum, potest cogitari non esse. Solus igitur verissime omnium et ideo maxime omnium habes esse, quia quidquid aliud est, non sic vere, et idcirco minus habet esse. Cur itaque "dixit insipiens in corde suo: non est Deus" [Ps 13,1; 52,1], cum tam in promptu sit rationali menti te maxime omnium esse? Cur, nisi quia stultus et insipiens?

4 Quomodo insipiens dixit in corde, quod cogitari non potest

Verum quomodo dixit in corde quod cogitare non potuit; aut quomodo cogitare non potuit quod dixit in corde, cum idem sit dicere in corde et cogitare? Quod si vere, immo quia vere et cogitavit, quia dixit in corde, et non dixit in corde, quia cogitare non potuit: non uno tantum modo dicitur aliquid in corde et cogitatur. Aliter enim cogitatur re, cum vox eam significans cogitatur, aliter cum id ipsum quod res est intelligitur. Illo itaque modo potest cogitari Deus non esse, isto vero minime. Nullus quippe intelligens id quod Deus est, potest cogitare quia Deus non est, licet haec verba dicat in corde, aut sine ulla aut cum aliqua extranea significatione. Deus enim est id quo maius cogitari non potest. Quod qui bene intelligit, utique intelligit id ipsum sic esse, ut nec cogitatione queat non esse. Qui ergo intelligit sic esse Deum, nequit eum non esse cogitare.

Gratias tibi, bone Domine, gratias tibi, quia quod prius credidi te donante, iam sic intelligo te illuminante, ut, si te esse nolim credere, non possim non intelligere.

Anselmo de Canterbury, *Proslógio* 2-4:

2 Que Deus exista¹ verdadeiramente

Portanto², Senhor, que dás entendimento à fé, dá-me que eu entenda, o quanto

¹- Aqui e no restante do texto preferimos manter o uso original do subjuntivo.

sabes que convém, que existes, como acreditamos, e que és o que acreditamos que sejas. Acreditamos, de fato, que sejas algo tal que nada maior possa ser pensado. Ou não existe algo de tal natureza, porque "o insipiente³ disse em seu coração: Deus não existe" [Salmos 13,1; 52,1]? Mas, certamente, o mesmo insipiente, ao ouvir isso mesmo que digo: 'algo tal que nada maior pode ser pensado', entende o que ouve; e o que entende existe em seu entendimento⁴, mesmo que não entenda que isto existe. Na verdade, uma coisa é algo existir no entendimento, outra é entender que algo existe. Quando um pintor preconcebe o que está para fazer, ele tem isto em seu entendimento, mas ainda não entende que existe o que ainda não fez. Quando verdadeiramente já pintou, tem no entendimento e entende que existe aquilo que já fez. Portanto, o insipiente também está convencido que existe, pelo menos no entendimento, algo tal que nada maior pode ser pensado, porque, quando ouve, entende, e aquilo que está entendido existe no entendimento.

²- Este capítulo começa com a conjunção *ergo*, por ser sua redação uma sequência do que está na parte final do último parágrafo do capítulo anterior: Non tento, Domine, penetrare altitudinem tuam, quia nullatenus comparo illi intellectum meum; sed desidero aliquatenus intelligere veritatem tuam, quam credit et amat cor meum. Neque enim quaero intelligere ut credam, sed credo ut intelligam. Nam et hoc credo: quia "nisi credidero, non intelligam" [Is 7,9]. Tradução: Não tento, Senhor, acessar tua altura, pois em nada comparo meu entendimento a ela, mas desejo algum entendimento de tua verdade, que meu coração ama, e em que ele acredita. Pois não busco entender para que acredite, mas acredito para que entenda. Pois também acredito nisso: a menos que acredite, não entenderei [Isaías 7,9].

³- '*Insipiens*', que está na tradução latina da Bíblia usada por Anselmo, pode ser traduzido por 'insipente', 'insensato', 'tolo', 'nescio', 'insciente', 'ignorante'. O original hebraico, no Salmo 14:1 é '*nābhāl*'. A mesma palavra é usada, como nome próprio, no Livro I de Samuel. Ai Nabal é um pastor de ovelhas e cabras que temerariamente nega um pedido de Davi. Seu próprio nome já significava insensato, tolo. Salvo da ira de Davi por intercessão de sua esposa, Nabal só percebeu as consequências de seu procedimento depois delas ocorrerem. O terror, ao pensar no risco que correu, causou-lhe paralisia e, depois de dez dias, morte. No final do capítulo terceiro do *Proslógio*, o insipiente (*insipiens, stultus*) é caracterizado por negar uma consequência racional muito clara. O que impede alguém de perceber uma consequência assim? Talvez a primeira possibilidade de resposta que nos ocorra seja que isso se deve a inteligência deficiente. Mas não é verossímil que este seja o entendimento de Anselmo. Em suas respostas às objeções de Gaunilo, Anselmo diz que aquele que não compreende aquilo que é expressado em sua língua tem intelecto deteriorado (*obrupto*) ou não tem intelecto, mas isso é aplicável só a não entendimento de expressões, não a não extração de consequências. Seja como for, tanto o Nabal do Livro de Isaías quanto o insipiente ou estulto do final do capítulo 3 do *Proslógio* são caracterizados por não extraírem consequências que poderiam facilmente extrair. Assim, não importa por que motivo, o que é distintivo em ambos é sua inconsequência. Assim, o *insipiens* que aparece no *Proslógio* 2, retirado do Livro dos Salmos, poderia ser apresentado na tradução portuguesa como o inconsequente. Mas basta que a inconsequência seja entendida como um traço distintivo do que é designado pela palavra 'insipiente', que na falta de argumento que favoreça outra opção, foi escolhida por sua proximidade de forma com o original latino.

⁴- A expressão "existe em seu entendimento" pode parecer equivalente a dizer 'existe, segundo seu entendimento', como quando se diz, por exemplo, 'em seu entendimento, existe água em Marte'; mas apenas diz 'está em seu entendimento', quando como se diz, por exemplo, 'em seu entendimento existe a ideia de fada'. Assim, pode-se concluir que, para quebrar a ambiguidade, a melhor tradução seria 'está em seu entendimento'. Com essa opção, a leitura parece fluir mais facilmente. Contudo, preferimos 'existe em seu entendimento', porque parece mais bem adaptado à necessidade ou utilidade de explicar, logo a seguir, a distinção entre "existir algo no entendimento" e "entender que algo existe", o que é feito com o exemplo do pintor.

E, certamente, isto, que é tal que outro maior não pode ser pensado, não pode existir só no entendimento. Se verdadeiramente existe só no entendimento, pode ser pensado que existe também na realidade, o que é maior. Portanto, se isto, que é tal que outro maior não pode ser pensado, existe só no entendimento, então isto mesmo, que é tal que outro maior não pode ser pensado, é tal que outro maior pode ser pensado. Mas isso, certamente, não pode ser. Existe, portanto, sem dúvida, algo tal que outro maior não pode ser pensado, no entendimento e na realidade.

3 Que não possa ser pensado que [Deus] não existe⁵

E, certamente, [Deus] existe tão verdadeiramente, que nem possa ser pensado que não existe. Pois, pode ser pensado que existe algo que não pode ser pensado que não existe, o qual é maior que algo que pode ser pensado que não existe. Portanto, se isto, que é tal que outro maior não pode ser pensado, pode ser pensado que não existe, então isto mesmo, que é tal que outro maior não pode ser pensado, não é isto, que é tal que outro maior não pode ser pensado; mas com isso não se pode convir. Portanto, existe verdadeiramente algo tal que outro maior não pode ser pensado, de modo que nem pode ser pensado que não existe.

E isto és tu, Senhor nosso Deus. Portanto, existes tão verdadeiramente, Senhor, meu Deus, que nem possa ser pensado que não existes. E merecidamente. Pois, se alguma mente pudesse pensar algo melhor que tu, a criatura superaria e julgaria o criador, o que é extremo absurdo. E, de fato, tudo mais, excluindo apenas a ti, pode ser pensado que não existe. Consequentemente, apenas tu possuis o existir mais

⁵- De acordo com Norman Malcolm, em *Anselm ontological arguments*, este capítulo encerra um argumento ontológico diferente do apresentado no capítulo anterior, e, enquanto o primeiro é falacioso, o segundo é uma prova legítima da existência de Deus. O primeiro seria falacioso porque sua conclusão seria suportada pela falsa doutrina de que a existência é uma perfeição ou predicado real, previamente refutada por Kant ou já antes por Gassendi. A admissão de tal doutrina estaria em afirmar que a coisa concebida e existente é maior ou mais perfeita que o seria se fosse apenas concebida, sem existir. O segundo argumento, por sua vez, ao não utilizar essa doutrina, seria capaz de resistir às críticas tradicionais aos argumentos ontológicos em geral. Seu princípio, inexistente no argumento anterior, seria que, embora não possamos entender a existência como predicado real, temos que entender a existência necessária como predicado indissociável do conceito de Deus, do que seria inferida sua existência necessária. O ponto é claramente discutível, pois à primeira vista parece que Anselmo quer provar no capítulo 3 um acréscimo ao que foi provado no capítulo anterior, ou seja, depois de provar que Deus existe, ainda que fosse pensável que não existe (capítulo 2), concluiu também que é impossível pensar que não existe (capítulo 3).

verdadeiramente que todos, e, por isso, maximamente entre todos, pois tudo mais que existe não existe tão verdadeiramente e, assim sendo, possui menos existir. Por que, então, "o insipiente disse em seu coração: Deus não existe" [Salmos 13,1; 52,1], quando é tão nítido à mente racional que existes maximamente? Por que, senão por ser estulto e insipiente?

4 Como o insipiente disse em seu coração o que não pode ser pensado⁶

Como é verdadeiro que [o insipiente] disse em seu coração o que não pôde pensar, ou como não pôde pensar o que disse em seu coração, já que dizer no coração é o mesmo que pensar? Se, verdadeiramente, pensou algo, porque o disse em seu coração, e não disse algo em seu coração, porque não pôde pensá-lo, então, se assim for de fato, é porque não há apenas um modo de algo ser dito no coração e pensado. Uma coisa é algo ser pensado ao ser pensada sua expressão significante, outra coisa é algo ser pensado ao ser pensada a própria coisa que é entendida. Assim, daquele modo, pode ser pensado que Deus não existe; deste, jamais. Pois ninguém que entende o que Deus é pode pensar que Deus não existe, ainda que diga tais palavras em seu coração, seja sem significação, seja com significação estranha. Pois Deus é isto tal que outro maior não pode ser pensado. Quem entende bem isto, certamente, entende que isto mesmo existe de modo que nem pelo pensamento é capaz de não existir. Quem, portanto, entende que tal é Deus, não pode pensar que ele não existe.

Obrigado a ti, bom Senhor, obrigado, porque o que antes acreditei por tua doação, agora entendo por tua iluminação, de modo que, se não quisesse crer que existes, não poderia não entender que existes.

⁶ No capítulo 3, é afirmado que não é possível pensar que Deus não existe. No capítulo 2, Anselmo parece assumir que é possível pensar que Deus não existe, pois, embora não conceda que o insipiente pode não entender a expressão "algo tal que nada maior pode ser pensado", parece conceder que o insipiente pode não entender que tal existe. Assim, teríamos uma flagrante inconsistência no *Proslógio*. Contudo, não há sinal claro da concessão mencionada. Pelo contrário, tudo indica que o argumento no capítulo 2 é apenas indiferente a este ponto. Seja como for, a distinção introduzida das duas modalidades de pensar, no capítulo 4, parece apta a lidar com essa ameaça de inconsistência.

REFERÊNCIAS

ANSELMUS CANTUARIENSIS. *Proslogion*. Disponível em: <<http://www.thelatinlibrary.com/anselmproslogion.html>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

BÍBLIA ONLINE. *Salmos: capítulo 14*. Disponível em: <<http://www.bibliaonline.net/biblia/?livro=19&versao=11&capitulo=14&leituraBiblica=&tipo=&ultimaLeitura=&lang=es-AR&cab=>>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

_____. *Samuel: capítulo 25*. Disponível em: <<https://www.bibliaonline.com.br/nvi/1sm/25>>. Acesso em: 07 mai. 2018.

CNBB. *Bíblia Sagrada*. Trad. Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. São Paulo: Canção Nova, 2010.

MALCOLM, Norman. *Anselm's ontological arguments*. Publicado por *Duke University Press* em nome *Philosophical Review*. v. 69. n. 1. p. 41-62. Nova York: Cornell University, jan., 1960. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/2182266>>. Acesso em: 30 set. 2016.

SCHIMITT, Franciscus Salesius. *St. Anselmi Cantuariensis Archiepiscopi Opera Omnia*, O.S.B., 3 vol., Edimburgo: Thomas Nelson & Sons, 1947.